

## **Competitividade das indústrias de alimentos listadas na BM&FBovespa: uma análise econômico-financeira no período 2009 a 2012**

## **Competitiveness of the food industries listed on the BM & FBovespa: an economic-financial analysis in the period 2009 to 2012**

**ROSEMAR JOSÉ HALL**

(UFGD Universidade Federal da Grande Dourados)  
rosemahall@ufgd.edu.br

**RODRIGO CAMPOS DE BRITO**

(UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados)  
tiuchiko@gmail.com

**JOSÉ JAIR SOARES VIANA**

(UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados)  
jair100@gmail.com

**NELSON HEIN**

(FURB – Fundação Universidade Regional de Blumenau)  
hein@furb.br

**AMILTON LUIZ NOVAES**

(UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados)  
amiltonnovaes@gmail.com

## **Resumo**

O presente estudo tem por objetivo identificar as empresas de capital aberto, na indústria de alimentos brasileira, em termos de competitividade de acordo com uma análise econômica financeira no período 2009 a 2012. Para tanto, foram avaliados os indicadores econômicos financeiros de 22 empresas do setor de alimentos, listadas na BM&FBovespa, no período de 2009 a 2012, utilizando-se o método multicritério de decisão, MOORA, para classificação das empresas de acordo com seus desempenhos. Os resultados revelaram que a competição entre as empresas do setor de alimentos, listadas na BM&FBovespa é forte ocasionando uma heterogeneidade na competitividade das empresas, sendo que algumas atingiram um péssimo desempenho econômico financeiro em um ano e excelente em outro. Entretanto, as empresas Ambev S.A. e M Dias Branco Ind. e Com. de Alimentos S.A. se mantiveram em todo período da análise entre as cinco melhores, sendo consideradas as empresas mais competitivas do setor. Por outro lado, a empresa Laep Investments foi a que apresentou os piores resultados.

**Palavras chave:** Competitividade, indústria de alimentos, MOORA, desempenho econômico financeiro, resource advantage theory.

## **Abstract**

This study aims to identify the companies traded on the Brazilian food industry in terms of competitiveness according to a financial economic analysis for the period 2009-2012. For both, the financial and economic indicators of 22 companies in the food sector listed on the BM & FBovespa, in the period 2009-2012, using the multi-criteria decision method, Moora, to rank companies according to their performances was evaluated. The results revealed that the competition between the companies in the food sector listed on the BM&FBovespa is causing a strong heterogeneity in the competitiveness of companies, some of which reached a terrible financial and economic performance in a year and great in another. However, companies Ambev and M Dias Branco SA Ind. e Com. de Alimentos SA, were maintained throughout the period of analysis in the top five, are considered the most competitive companies in the industry. Moreover, the company Laep Investments showed the worst results.

**Key-words:** Competitiveness, food industry, MOORA, financial performance, resource advantage theory

## 1 INTRODUÇÃO

A produção mundial de alimentos é o grande desafio para a humanidade no século XXI. Com uma população estimada em 6,8 bilhões de pessoas, o setor produz 2,1 bilhões de toneladas de cereais e cerca de 270 milhões de toneladas de carne por ano para suprimento da alimentação humana (FAO, 2009).

Segundo dados da FAO – Food and Agriculture Organization of the United Nations (2009), estima-se que a população mundial cresça 34% até o ano de 2050, atingindo um total de 9,1 bilhões de pessoas. A urbanização continuará crescendo a um ritmo acelerado, atingindo aproximadamente 70% da população mundial em 2050 (estima-se que atualmente esse percentual é de 49%), acarretando em uma maior demanda por alimentos, com menos pessoas produzindo. Com o aumento da urbanização, a FAO (2009) projeta um aumento no nível de renda atual da população e, conseqüentemente, uma alteração no estilo de vida e nos hábitos de consumo. Essa combinação culminará na aceleração da diversificação das dietas alimentares nos países em desenvolvimento.

Para atender a toda essa demanda, a FAO (2009) calculou que a produção mundial de alimentos deverá crescer 70% até 2050. Combinando novas tecnologias para aumento da produtividade, aliadas à expansão da produção para áreas próprias para o cultivo e preservando a biodiversidade, a produção de cereais terá de passar dos atuais 2,1 bilhões de toneladas para 3 bilhões de toneladas ao ano, enquanto que a produção de carne deverá ter um incremento de 200 milhões de toneladas, passando para um total de 470 milhões de toneladas ao ano.

Diante do atual cenário mundial da produção de alimentos, e com base nas perspectivas futuras de demanda por alimentos, o presente estudo tem como situação problema: quais empresas listadas na BM&FBovespa no setor de alimentos são mais competitivas de acordo com o desempenho econômico financeiro? O objetivo do estudo é identificar as empresas de capital aberto, na indústria de alimentos brasileira, em termos de competitividade de acordo com uma análise econômica financeira no período 2009 a 2012.

Desse modo, o trabalho justifica-se pela relevância do setor de alimentos na economia e na sociedade brasileira, sendo que os indicadores de competitividade entre as organizações são importantes para subsidiar a formulação de estratégia por parte das empresas. Segundo a ABIA (2012), 9,5% do PIB brasileiro em 2012 foi produzido por este setor. O faturamento destas empresas atingiu o montante de R\$ 431,9 bilhões em 2012, sendo R\$ 353,9 bilhões em

alimentos e R\$ 78 bilhões em bebidas, números que colocam o setor em primeiro lugar absoluto em valor bruto da produção no total da indústria de transformação (ABIA, 2012). Outro fator importante em destaque na indústria de alimentos é a sua geração de empregos, uma vez que em 2012 o número de pessoal empregado na indústria de alimentação foi de 1,63 milhões de trabalhadores (ABIA, 2012).

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Teoria da competitividade**

Os estudos sobre a competição entre as organizações têm, geralmente, suas abordagens sob a luz da teoria da competitividade. De acordo com Thorne (2002), a teoria da competitividade é analisada por meio de três abordagens: a teoria baseada no comércio tradicional, a teoria da organização industrial e a teoria de gestão estratégica.

Apesar da teoria tradicional do comércio oferecer informações ao conceito de competitividade, existem críticas como as de McCalla (1994), que afirma que essa teoria é estruturada pelo lado da oferta e não responde muito bem para economia do lado da demanda. Para Van Durren et al. (1991), a teoria baseada no comércio tradicional, falha pelo fato de não abordar as diferenças qualitativas na comercialização de produtos e serviços de cada empresa, que tem habilidades e estratégias diferentes pelas quais as indústrias alcançam competitividade. A Teoria da Organização Industrial (OI) apresentou outra abordagem à competição entre as organizações com análise entre oferta e demanda, sendo que o foco principal da OI é a identificação de variáveis que influenciam no desempenho econômico das organizações (VAN DURREN et al., 1991). Porém, para Thorne (2002), a escola da Gestão Estratégica pode ser vista como uma teoria de competitividade que reúne os conceitos de teoria do comércio tradicional e OI. Nesse estudo será dada ênfase à abordagem estratégica para competitividade.

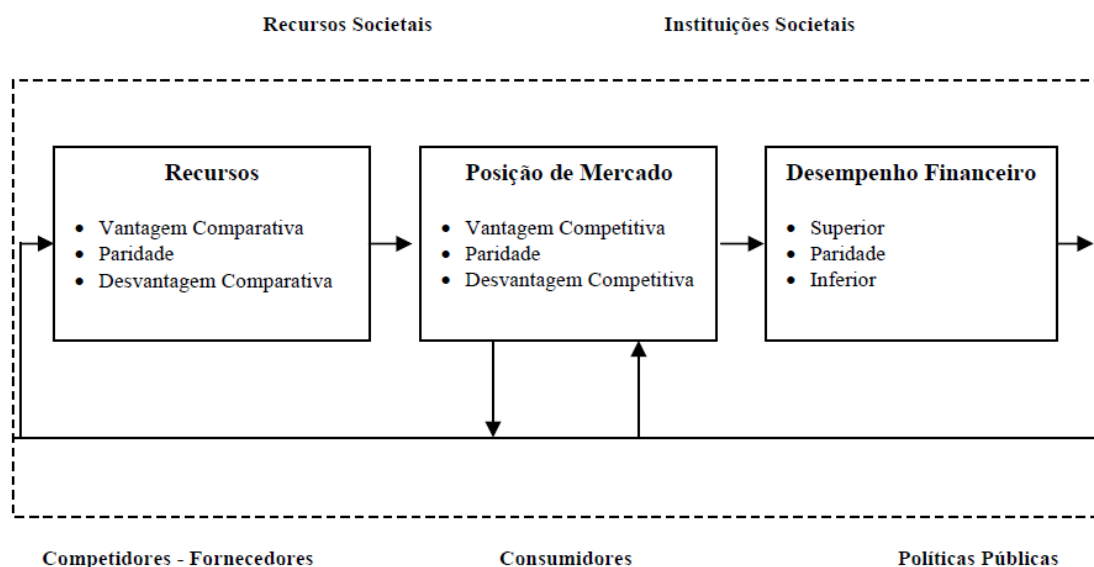
Os teóricos em gestão estratégica, como Porter (1980; 1985), afirmam que a competitividade é a capacidade das empresas em obter lucratividade ou criar valor por meio de liderança em custos e diferenciação de produtos. Além disso, o autor destaca que as empresas que obtêm vantagem competitiva perante suas concorrentes atingem desempenho financeiro superior, ou seja, acima da média. Assim, para obter vantagens competitivas, a empresa deve conseguir ao menos uma de duas alternativas: obter liderança em custo, ou seja, conseguir que seus produtos tenham menor custo do que os concorrentes a um preço médio de

mercado proporcionando retorno superior ou, então, conseguir que seus produtos sejam diferentes a tal ponto que o consumidor perceba essa diferença e aceite pagar mais caro por ela, o que leva a obter também desempenho superior. Outra maneira de se obter vantagem competitiva, segundo Porter (1985), é a empresa ter enfoque, ou seja, focar determinado mercado consumidor e, com isso, atingir um “nicho de mercado” que leve ao desempenho superior.

O desempenho superior descrito por Porter é o que define se uma empresa é competitiva ou não. Outra abordagem é dada pela Teoria Baseada em Recurso (TBR), inicialmente conhecida como Resource Based View. A Visão Baseada em Recurso (VBR) apresenta sua discussão inicial com os trabalhos de Penrose (1959), os quais estudam o crescimento da firma e consideram que os recursos das organizações são determinantes na vantagem competitiva das organizações. A VBR recebeu essa denominação com o trabalho de Wernerfelt (1984), que destacou a influência dos recursos no posicionamento estratégico das organizações. A partir deste estudo, a VBR passou a ser abordada em diversos estudos que se utilizaram dos conceitos de Penrose (1959) e Wernerfelt (1984) e, consolidaram a VBR na Teoria Baseada em Recursos (DIERICKX; COOL, 1989; GRANT, 1991; BARNEY, 1991; BARNEY, WRIGHT; KETCHEN, 2001).

Outra abordagem da gestão estratégica, na área de marketing, foi desenvolvida por Hunt e Morgan (1996) para discutir a competitividade das organizações, a Resource Advantage Theory ou RA Theory (sem tradução para o português). A RA Theory foi desenvolvida por Hunt e Morgan (1996) com o objetivo de ser uma teoria geral da competitividade. De acordo com o Rossi (2009), julga-se que a RA Theory é adequada para explicar de forma mais completa as nuances da competitividade, pois agrega fatores internos e externos à empresa e suas premissas foram desenvolvidas com intuito de ser uma teoria geral da competição (ROSSI, 2009). A Figura 1 apresenta o desenho da RA Theory, explicado por Hunt e Morgan (1996).

A Figura 1 demonstra que a ação competitiva cria o desequilíbrio entre as organizações por meio do processo dinâmico da competição, gerada pela constante disputa entre as empresas por uma vantagem comparativa em recursos, que irá gerar uma posição de vantagem competitiva no mercado, levando a um desempenho financeiro superior.



Fonte: Rossi (2009).

Figura 1 – Representação Gráfica da Resource Advantage Theory

A competição entre as organizações, conforme representado na Figura 1, recebe influências externas, das ações e atitudes dos competidores, dos fornecedores, dos consumidores, da formulação de políticas públicas para setores ou país, de recursos da sociedade, de ações e de outras instituições da sociedade, dentre as quais, as que regulamentam as atividades de organizações de um setor (HUNT; MORGAN, 1996).

O que se tem na visão estratégica da competitividade é que os recursos das empresas, tanto na TBR ou na RA Theory, são os propulsores de vantagem competitiva que levam a um desempenho financeiro superior aos seus concorrentes. Ressalta-se que o desempenho financeiro pode ser entendido como a rentabilidade das organizações.

## 2.2 Desempenho econômico-financeiro

Em ambientes competitivos, de acordo com Zilber e Fischmann (2002), faz-se necessário o uso de indicadores econômicos financeiros, com o objetivo de direcionar as decisões das organizações em busca de posições de liderança no mercado, novos negócios e para avaliar e julgar com eficiência as tendências das empresas perante seus concorrentes. Para indicar o nível de competitividade entre as organizações, os indicadores econômicos, principalmente os vinculados ao lucro, são os preferidos e mais frequentemente citados na literatura (ZILBER; FISCHMANN, 2002).

As demonstrações contábeis são ferramentas que expressam o resultado do período e a situação patrimonial da empresa, referente ao seu ativo, passivo, patrimônio líquido, entre outros. Por meio delas, extraem-se índices para análise econômica e financeira, para averiguar a situação econômica passada, presente e fazer projeções futuras do desempenho empresarial (DALPAZ; TRENTIN, 2013).

Os indicadores de lucratividade e rentabilidade, objetos do presente trabalho, são definidos por Souza et al. (2009) como índices que evidenciam a lucratividade, ou superávit da empresa, perante suas receitas ou faturamentos e o devido retorno do capital investido ao seu investidor, ou seja, o quanto rendeu o capital investido.

Especificamente sobre os indicadores de lucratividade e rentabilidade, destacam-se os índices de giro do ativo (GA), retorno sobre o ativo (ROA), retorno sobre os investimentos (ROI), retorno sobre o patrimônio líquido (ROE), margem operacional e margem líquida.

O giro do ativo, para Souza et al. (2009), se constitui em um dos índices mais importantes, pois, por meio dele, evidencia-se o quanto a empresa faturou para cada R\$ 1,00 investido em seu ativo. Sua fórmula de cálculo é:  $\text{Receita Operacional Líquida} / \text{Ativo Total}$ , e deve ser interpretado da seguinte forma: “quanto maior, melhor”.

Já o retorno sobre o ativo (ROA) demonstra a taxa de retorno gerado pelas aplicações realizadas por uma empresa em seus ativos. Dessa forma, indica o retorno gerado por cada R\$1,00 investido pela empresa (ASSAF NETO, 2010), podendo ser obtido pela divisão do Lucro Operacional pelo Ativo Total Médio.

O retorno sobre o investimento (ROI) é uma alternativa quanto ao uso do ROA para avaliar o retorno dos recursos aplicados por acionistas e credores em uma empresa (ASSAF NETO, 2010). De acordo com Vieira et al. (2011), este indicador combina fatores de lucratividade e os transforma em taxa percentual, possibilitando a comparação com a taxa de retorno de outros investimentos. Para realizar esse cálculo, basta dividir o Lucro Operacional pelo Investimento Médio (soma do passivo oneroso com o patrimônio líquido).

Para Assaf Neto (2010), o retorno sobre o patrimônio líquido (ROE) mensura o retorno da empresa sobre os recursos aplicados por seus proprietários (acionistas), ou seja, o quanto eles receberam por cada R\$ 1,00 investido. Para Assaf Neto (2010), o ROE deverá sempre ser comparado com a taxa de retorno exigida pelo investidor e que este só será interessante caso seja igual ou superior à taxa de oportunidade.

Em relação à margem operacional, Souza et al. (2009) salientam que este índice evidencia o quanto de lucro operacional foi gerado para cada R\$ 1,00 de receita operacional

líquida. Seu cálculo é obtido por meio da fórmula: Lucro Operacional / Receita Operacional Líquida.

Por fim, o índice de margem líquida compara o lucro líquido com a receita operacional líquida, fornecendo o percentual de lucro obtido em relação ao faturamento. Pode ser obtido por meio da fórmula: (Lucro Líquido / Receita Operacional Líquida) x 100. Seu resultado é interpretado como “quanto maior, melhor” (SOUZA et al., 2009).

### 3. METODOLOGIA

Para analisar a competitividade das empresas da indústria de alimentos, listadas na BM&FBovespa, realizou-se uma pesquisa descritiva que utiliza um conjunto de métodos e procedimentos científicos para coletar dados que identificam, determinam e descrevem características existentes de uma população-alvo ou estrutura de mercado (HAIR JUNIOR et al., 2010).

Em relação aos procedimentos adotados, este estudo apresenta-se como uma pesquisa documental, visto que foram extraídas das demonstrações financeiras relativas ao ano de 2009 a 2012 e retirados do banco de dados da Thomson One Banker®. A pesquisa documental, conforme Cervo e Bervian (2002), investiga documentos e relatórios com o propósito de descrever e comparar tendências, diferenças e outras características estudadas.

De acordo com a abordagem do problema, esta pesquisa classifica-se como quantitativa, que é a que o pesquisador testa uma teoria, especifica hipóteses, coleta e analisa dados para apoiar ou refutar as hipóteses (CRESWELL, 2003).

A amostra, por sua vez, é composta de 22 empresas e os dados foram coletados das demonstrações contábeis das empresas no período compreendido entre 2009 a 2012. Após a coleta dos dados, utilizou-se o software Microsoft Office Excel para tabulação e tratamento estatístico dos dados selecionados, por meio do método de decisão multicritérios, MOORA (Multi Objective Optimization on basis of Ratio Analysis), para analisar e classificar a competitividade das empresas.

Brauers e Zavadskas (2006) desenvolveram o método MOORA, um método multicritérios de decisões, que permite comparar diversos aspectos que individualmente não seria possível comparação, em virtude das diferenças entre suas unidades de medidas. O método suprime tais unidades de medidas, e facilita o trato com os diversos fatores, para obter a melhor opção entre as empresas analisadas (PRADO; ORTIZ, 2011).



Esse método possibilita comparar os dados apresentados pelos conjuntos de índices, por meio do cálculo da raiz quadrada da soma das respostas ao quadrado como denominadores. Esses índices são situados entre zero e um e, são adicionados, caso os índices tenham por objetivo a maximização, ou subtraídos, caso o objetivo seja a minimização (DIEL et al., 2013).

Após a coleta dos dados e a elaboração dos indicadores econômicos de rentabilidade e lucratividade (Giro do Ativo, Retorno sobre o Investimento, Retorno sobre o Patrimônio Líquido, Retorno sobre o Ativo, Margem operacional e Margem Líquida) utilizou-se o método MOORA para comparar e classificar a competitividade das empresas em cada ano do período analisado.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados foram apresentados ano a ano, para demonstrar a competição da indústria de alimentos no decorrer do período. Para a classificação da empresa utilizou o método MOORA, o qual faz a equalização dos indicadores levantados nas demonstrações contábeis das empresas, para possibilitar a comparação entre eles e entre as empresas. Para tanto, fez-se a normalização dos dados de acordo com o exigido pelo método MOORA. Isto é, em primeiro lugar, obtém-se a raiz quadrada da soma de todos os indicadores ao quadrado (a), em seguida divide-se o indicador pelo resultado da raiz quadrada do respectivo indicador (b), calcula-se o máximo valor apurado de todas as empresas para este indicador (c), e, por fim, subtrai-se o resultado da divisão do indicador pelo valor máximo apurado de todas as empresas para este indicador (b-c). Dessa forma, os indicadores ficam equalizados, ou seja, todos se apresentam em uma mesma unidade de medição, possibilitando assim a sua comparação. A partir daí, é possível elaborar o ranking MOORA de competitividade das empresas, selecionando-se, para cada empresa, o maior índice encontrado dentre todos os índices calculados e equalizados para ela no período. O resultado obtido utilizando-se tal procedimento para o ano de 2009 encontra-se na Tabela 1.

**Tabela 1 – Ranking da Competitividade das empresas de alimentos em 2009**

<b>Empresas</b>	<b>Índice Máximo</b>	<b>Ranking</b>
Ambev S.A	0,593	1°
M Dias Branco Indústria Comercio Aliment	0,619	2°
Marfrig Alimentos S.A	0,671	3°
Minerva S.A	0,677	4°
Agrenco Limited	0,700	5°
Conservar Oderich S.A	0,732	6°
CIA Iguaçu De Café Solúvel	0,742	7°
CIA Cacique De Café Solúvel	0,757	8°
Clarion SA Agroindustrial	0,766	9°
Josapar Joaquim Oliveira SA-Particip	0,775	10°
BRF-Brasil Foods S.A	0,781	11°
JBS S.A	0,782	12°
São Martinho S.A	0,821	13°
International Meal Company Holdings S.A	0,828	14°
Excelsior Alimentos S.A	0,837	15°
Cosan LTDA	0,877	16°
Cosan SA Indústria e Comercio	0,902	17°
Café Solúvel Brasília S.A	1,018	18°
Laep Investments Limited	1,029	19°
Mínupar Participações S.A	1,119	20°

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados da pesquisa.

De acordo com Diel et al. (2013), o método MOORA consiste em efetuar o ranking das empresas, sendo que quanto mais próximo de zero for o valor do índice, maior será o grau de competitividade, ou seja, para apurar o ranking, destaca-se de cada empresa o indicador com maior ineficiência e o compara com as demais empresas. Assim, pelos resultados apresentados na Tabela 1, no ano de 2009 a Ambev S.A., M Dias Branco, Marfrig S.A, Minerva S.A. e Agrenco Limited, foram, respectivamente, as cinco empresas mais

competitivas. Por outro lado, as empresas Minupar, Laep, Café solúvel Brasília, Cosan S.A. Ind. e Com. e, ainda, Cosan LTDA, foram as menos competitivas.

Na Tabela 2 é apresentado o ranking da competitividade das empresas da indústria de alimentos de 2010.

**Tabela 2 – Ranking da Competitividade das empresas de alimentos em 2010**

<b>Empresas</b>	<b>Índice máximo</b>	<b>Ranking</b>
Minupar Participações S.A	0,482	1º
Vigor Alimentos S.A	0,846	2º
Ambev S.A	0,871	3º
M Dias Branco Indústria Comercio Aliment	0,880	4º
Cosan SA Indústria E Comercio	0,880	5º
Cosan LTDA	0,882	6º
BRF-Brasil Foods S.A	0,890	7º
São Martinho S.A	0,890	8º
CIA Iguaçu De Café Solúvel	0,890	9º
Minerva S.A	0,891	10º
CIA Cacique De Café Solúvel	0,891	11º
Marfrig Alimentos S.A	0,891	12º
Josapar Joaquim Oliveira SA-Particip	0,891	13º
International Meal Company Holdings S.A	0,893	14º
Clarion SA Agroindustrial	0,894	15º
JBS S.A	0,895	16º
Biosev S.A	0,896	17º
CONSERVAS ODERICH S.A	0,897	18º
Agrenco Limited	1,022	19º
Cafe Soluvel Brasilia S.A	1,040	20º
Excelsior Alimentos S.A	1,061	21º
Laep Investments Limited	1,124	22º

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados da pesquisa.

Pelos dados da Tabela 2, em 2010, a empresa que apresentou melhor índice de competitividade foi a Minupar, resultado este totalmente oposto ao obtido em 2009. A empresa Vigor, por sua vez, foi a segunda melhor. A Ambev obteve a terceira posição, seguida da M Dias Branco. Essas duas últimas estavam entre as melhores no ano anterior. Outras empresas que melhoraram significativamente de posição foram a Cosan LTDA e a Cosan S.A. Ind e Com., que no ano anterior figuraram entre as que apresentaram os piores desempenhos no ranking. Destaque-se, também, que a empresa Vigor, que em 2009 não havia apresentado os dados e, por isso, ficou fora do ranking, em 2010 figurou na segunda colocação. Como destaque negativo tem-se a empresa Laep, que em 2009 estava na 19ª posição e em 2010 ocupou o último lugar do ranking.

A Tabela 3 apresenta o resultado obtido para o ano de 2011, novamente com todas as empresas apresentando os dados necessários para elaboração dos indicadores e já equalizados pelo método MOORA.

**Tabela 3 – Ranking da Competitividade das empresas de alimentos em 2011**

<b>Empresas</b>	<b>Índice máximo</b>	<b>Ranking</b>
Café Solúvel Brasília S.A	0,765	1º
Laep Investments Limited	0,767	2º
Ambev S.A	0,790	3º
CIA Cacique De Café Solúvel	0,805	4º
M Dias Branco Indústria Comercio Aliment	0,827	5º
Excelsior Alimentos S.A	0,830	6º
Mínerva S.A	0,854	7º
Biosev S.A	0,864	8º
Cosan SA Indústria E Comercio	0,866	9º
BRF-Brasil Foods S.A	0,867	10º
Vigor Alimentos S.A	0,875	11º
Cosan LTDA	0,877	12º
Sao Martinho S.A	0,878	13º
Josapar Joaquim Oliveira SA-Particip	0,879	14º
JBS S.A	0,884	15º
Marfrig Alimentos S.A	0,888	16º
Clarion SA Agroindustrial	0,892	17º
International Meal Company Holdings S.A	0,901	18º
CONSERVAS ODERICH S.A	0,912	19º
Minupar Participações S.A	0,919	20º
CIA Iguaçu de Café Solúvel	0,919	21º
Agrenco Limited	1,252	22º

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados da pesquisa.

Os dados do ranking MOORA do ano de 2011, Tabela 3, demonstram que a empresa Café Solúvel Brasília aparece em primeiro lugar, com o melhor índice de competitividade. É importante destacar a melhora da posição no ranking da empresa Laep, que figurava na última

posição em 2010, influenciada pelo fraco desempenho do indicador Retorno sobre o Ativo (ROA), e que figura na segunda posição do ranking de 2011, muito em função da significativa melhora de desempenho do indicador Retorno sobre o Ativo, no ano de 2011. O destaque negativo nesse ano fica por conta da empresa Agrenco, que, analisando os três períodos apresentados até aqui, teve seu índice de competitividade reduzido, ano após ano. A Ambev S.A. se manteve na 3ª posição e M dias Branco passou a ser a quinta. Por outro lado, a empresa Minupar voltou para as últimas posições, passando a figurar no 20º lugar do ranking.

Por fim, o resultado obtido para o ranking MOORA de competitividade das empresas de alimentos de capital aberto para 2012, o último ano analisado, é apresentado na Tabela 4.

**Tabela 4 – Ranking da Competitividade das empresas de alimentos em 2012**

<b>Empresas</b>	<b>Índice máximo</b>	<b>Ranking</b>
CIA Iguaçu De Café Solúvel	0,620	1º
Ambev S.A	0,655	2º
Cosan SA Indústria E Comercio	0,691	3º
Cosan LTDA	0,720	4º
M Dias Branco Indústria Comercio Aliment	0,726	5º
Minupar Participações S.A	0,739	6º
Josapar Joaquim Oliveira SA-Particip	0,769	7º
CONSERVAS ODERICH S.A	0,772	8º
Sao Martinho S.A	0,779	9º
BRF-Brasil Foods S.A	0,782	10º
CIA Cacique De Café Solúvel	0,783	11º
JBS S.A	0,790	12º
Vigor Alimentos S.A	0,794	13º
International Meal Company Holdings SA	0,796	14º
Marfrig Alimentos S.A	0,826	15º
Biosev S.A	0,849	16º
Minerva S.A	0,907	17º
Laep Investments Limited	1,086	18º

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados da pesquisa.

Em 2012, conforme Tabela 4, a CIA Iguaçu de Café ocupou o primeiro lugar no ranking, sendo que no período anterior encontrava-se na penúltima colocação, puxada pelo indicador ROI, que havia apresentado alta ineficiência e que, no período atual, apresentou excelente resultado. A Ambev S.A. ficou na segunda posição, a Cosan Ltda e Cosan S. A. ficaram, respectivamente, em 3º e 4º e a M Dias Branco figurou em 5º lugar no ranking.

Desse modo, observa-se que a Ambev e M Dias Branco permaneceram em todo o período de 2009 a 2012 entre as cinco melhores posições, o que demonstra que essas empresas foram as mais competitivas no período analisado. Por sua vez, o destaque negativo no ranking foi a empresa Laep que, mais uma vez, figurou na última colocação, com pior índice de competitividade, ocasionada pelo mau desempenho do indicador margem operacional, fato que serve de alerta quanto a possíveis problemas no processo produtivo da empresa. Com isso, no período analisado, a Laep pode ser considerada a empresa menos competitiva na Indústria de Alimentos com ações negociáveis na BM&FBovespa. Outras empresas tiveram um comportamento competitivo instável, ora nas últimas posições, ora nas primeiras, demonstrando a existência de heterogeneidade no desempenho entre as empresas da indústria de alimentos de capital aberto no período analisado, tomando-se como parâmetro o método MOORA.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo buscou identificar o grau de competitividade das empresas de capital aberto, na indústria brasileira de alimentos, de acordo com uma análise econômica financeira. Para tanto, foram coletados os dados de 22 empresas da indústria de alimentos listadas na BM&FBovespa e analisados por meio do método multicritério de decisão, MOORA. O uso de indicadores econômicos de rentabilidade e lucratividade se constitui numa importante ferramenta para gestão das empresas, fornecendo informações úteis para tomada de decisão e planejamento de posicionamento da empresa no mercado. A combinação destes indicadores com o método MOORA permite comparar os indicadores de forma mais simplificada, podendo determinar aquele que possui maior ou menor grau de eficiência, uma vez que este método unifica as unidades de medidas de cada indicador. Por meio do ranking MOORA, é possível comparar alternativas e, dentre elas, determinar a ordem de competitividade das empresas estudadas.

Os resultados obtidos revelaram que há uma heterogeneidade na competitividade das empresas, sendo que algumas atingiram um péssimo desempenho econômico financeiro em um ano e excelente em outro. Entretanto, as empresas Ambev S.A. e M Dias Branco Ind. e Com. de Alimentos S.A. se mantiveram em todo período da análise entre as cinco melhores e, pela metodologia utilizada, foram as que se apresentaram como as mais competitivas do setor. Por outro lado, a empresa Laep Investments foi a última colocada em três dos quatro anos analisados e, desse modo, foi a que apresentou o menor grau de competitividade no período de análise, apesar de ter sido classificada em 2º lugar em 2010.

Não obstante, há de se considerar que uma análise puramente econômico financeira possui certo grau de limitação quanto à projeção da competitividade no futuro. Hoje, muitos capitais intangíveis possuem poder de diferenciação competitiva que as tradicionais medidas de performance não conseguem mensurar, como por exemplo, a qualidade no gerenciamento de pessoas ou a competência de executivos e gerentes (ZILBER; FISCHMANN, 2002). Porém, os resultados encontrados nessa pesquisa, tendo em vista as variações nos desempenhos das empresas ao longo do período analisado, evidenciam o grau de competitividade do setor. Em complemento, ressalta o desafio que os gestores das organizações que atuam no setor se defrontam, bem como a importância de analisar indicadores, como os apresentados nesse trabalho, para monitoramento de seus desempenhos e orientação de suas estratégias de ação.



## REFERÊNCIAS

ABIA – Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação. 2012. Disponível em: <<http://www.abia.org.br/vst/default.asp>>. Acesso em: 09 abr. 2014.

ASSAF NETO, Alexandre. Finanças corporativas e valor. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BARNEY, Jay B. Firm resources and sustained competitive advantage. **Journal of Management**, v. 17, n. 1, p. 99-120, 1991.

BARNEY, Jay; WRIGHT, Mike; KETCHEN, David J. The resource-based view of the firm: Ten years after 1991. **Journal of management**, v. 27, n. 6, p. 625-641, 2001.

BRAUERS W. K. M.; ZAVADSKAS E. K. The MOORA method and its application to privatization in a transition economy. **Control and Cybernetics**, v. 35, n. 2, p. 445, 2006.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DALPAZ J.; TRENTIN G. N. S. Análise Dos Indicadores De Desempenho Econômicos E Financeiros De Duas Empresas Do Segmento De Papel E Celulose Da Bovespa. **Unoesc & Ciência - ACSA**, v. 4, n. 1, p. 21, 2013.

DIEL E. H.; DIEL F. J.; SCHULZ S. J.; HEIN N. Fatores de Endividamento e Situação Econômica de Clubes de Futebol Brasileiros. In: XXIV ENANGRAD. Florianópolis, 2013. **Anais...** Florianópolis, 2013.

DIERICKX, Ingemar; COOL, Karel. Asset stock accumulation and sustainability of competitive advantage. **Management science**, v. 35, n. 12, p. 1504-1511, 1989.

FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations. **Órgão das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação**. FAO Brasil. 2009. Disponível em: <<https://www.fao.org.br/quemSomos.asp>>. Acesso em: 09 abr. 2014.

GRANT, Robert M. The resource-based theory of competitive advantage: implications for strategy formulation. **California Management Review**, University of California, 1991.

HAIR Jr., Joseph F.; BABIN, Barry; MONEY, Arthur H.; SAMOUEL, Phillip. **Fundamentos de Métodos de Pesquisa em Administração**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

HUNT, Shelby D.; MORGAN, Robert M. The resource-advantage theory of competition: dynamics, path dependencies, and evolutionary dimensions. **The Journal of marketing**, v. 60, n. 4, p. 107-114, 1996.

MCCALLA, A.F., **What did we learn from this conference?** Competitiveness in

International Food Markets edited by Bredahl, Abbott and Reed, Westview Press, Oxford, pp.320-322. 1994.

PENROSE, Edith T. **The theory of the growth of the firm**. London: Basil Blackwell and Mott; 1959.

PORTER, Michael E. **Competitive advantage**. Free Press: New York, 1985.  
**Competitive strategy**. New York; Free Press, 1980.

PRADO, M. N; ORTIZ, J. F. Aplicación del metodo moora en la elección de una universidad mexicana. **CULCyT. Cultura Científica y Tecnológica**.v. 8 n 45, p. 88 – 94, 2011.

ROSSI, Edison. Envelhecimento do sistema osteoarticular. **Einstein**, v. 6, n. 1, p. 7-12, 2009.

SOUZA A. A.; RODRIGUES L. T.; LARA C. O.; GUERRA M.; PEREIRA C. M. Indicadores de Desempenho Econômico-Financeiro para Hospitais. In: XII SemeAd- Empreendedorismo e inovação. São Paulo, 2009. **Anais...** São Paulo, 2009.

THORNE, Fiona S. Analysis of the Competitiveness of Cereal Production in Selected EU Countries. **EAAE Copenhagen**, 2002.

VAN DUREN, E., MARTIN, L. AND WESTGREN, R. Assessing the Competitiveness of Canada's Agrifood Industry. **Canadian Journal of Agricultural Economics**, v.39. p. 727-738.1991.

VIEIRA C. B. H. A.; VERDE I. O. L.; BEZERRA R. L.; RODRIGUES P. N.; ISMAEL V. S. **Índices de Rentabilidade**: um estudo sobre os indicadores ROA, ROI e ROE de empresas do subsetor de tecidos, calçados e vestuários listadas na Bovespa. In: VIII Convibra Administração – Congresso Virtual Brasileiro de Administração. 2011. Disponível em: <[http://www.convibra.com.br/upload/paper/adm/adm\\_3052.pdf](http://www.convibra.com.br/upload/paper/adm/adm_3052.pdf)>. Acessado em: 19 fev. 2014.

WERNERFELT, Birger. **A resource-based view of the firm**. Strategic Management Journal, v. 5, n.2, p. 171-180, 1984.

ZILBER, M. A.; FISCHMANN, A. A. Competitividade e a Importância de Indicadores de Desempenho: utilização de um modelo de tendência. In: XXVI ENANPAD. **Anais...** 2002.